

Leia o fragmento da crônica “Saudade”, de Rachel de Queiroz:

A mocidade já é de si uma etapa infeliz. Coração inquieto que não sabe o que quer, ou quer demais. Qual será, nesta vida, o jovem satisfeito? Um jovem pode nos fazer confidências de exaltação, de embriaguez; de felicidade, nunca. Mocidade é a quadra dramática por excelência, o período dos conflitos, dos ajustamentos penosos, dos desajustamentos trágicos. [...] Não sei mesmo como, entre as inúmeras mentiras do mundo, se consegue manter essa mentira maior de todas: a suposta felicidade dos moços. Por mim, sempre tive pena deles, da sua angústia e do seu desamparo. Enquanto esta idade a que chegamos, você e eu, é o tempo da estabilidade e das batalhas ganhas. Já pouco se exige, já pouco se espera. E mesmo quando se exige muito, só se espera o possível. Se as surpresas são poucas, poucos também os desenganos.

(QUEIROZ, Rachel de. *melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2004. p.118.)

A revista Veja, em sua edição de 6 de março de 2002, trouxe uma reportagem sobre cirurgia plástica. Um fórum foi promovido pela Veja On-line sobre o assunto em questão. Leia o depoimento de uma internauta sobre sua experiência com a cirurgia plástica:**Preço da felicidade**

Tenho 20 anos e, aos 18, fiz plástica para redução dos seios. Ninguém achava nada anormal, mas eu me sentia péssima, não podendo usar certas roupas. Além disso, estando em plena flor da idade, meus seios já eram flácidos. Eu achava que nunca teria coragem de me despir para ninguém. Tinha vergonha até da minha ginecologista. Então, no final de 2000, fiz a cirurgia. Fiquei muito feliz com o resultado. Agora uso tops, camisetas cavadas etc. Nenhuma cicatriz ficou, mas o problema é que a sensibilidade nas glândulas mamárias foi afetada. Não sinto estímulos no bico dos seios. No começo, foi difícil aceitar isso, mas percebi que é muito melhor estar assim, com algo que posso resolver tendo conversas com meu parceiro, do que me manter com auto-estima em baixa. Paguei um preço pela cirurgia, mas ganhei em felicidade. Internauta não quis se identificar.

Com base no depoimento da internauta, explique a seguinte afirmação da cronista: “Mocidade é a quadra dramática por excelência, o período dos conflitos, dos ajustamentos penosos, dos desajustamentos trágicos”.**QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA**

Conteúdo: Interpretação de texto. Contexto de produção do texto.

Resposta esperada

Os dois textos tratam de felicidade. Contudo, focalizam aspectos diferentes que levam à felicidade. Para Rachel, a felicidade é alcançada com a vivência, com a maturidade, com a experiência de vida. Em outras palavras, felicidade para a cronista está associada à estabilidade emocional do indivíduo. A felicidade para a internauta é obtida ainda na mocidade. Ela alega inclusive que alcançou sua felicidade por meio das cirurgias plásticas, obtendo, assim, a aparência física desejada.

É necessário perceber, porém, que o conceito de felicidade da cronista nega que a internauta tenha atingido a alegada felicidade, uma vez que ela só ocorre com a estabilidade emocional, que é obtida somente na maturidade e não ocorre na mocidade, que é considerada uma “quadra dramática por excelência, o período dos conflitos, dos ajustamentos penosos, dos desajustamentos trágicos”.

Com isso, não pode haver felicidade se o coração está inquieto, se “não sabe o que quer, ou quer demais”. Há várias pistas no relato da internauta que apontam para essa situação de inquietude: cirurgias plásticas aos 18 anos, porque se sentia mal com o próprio corpo, por exemplo. No mesmo relato, é apresentada a consequência de uma cirurgia plástica: a perda de sensibilidade nos mamilos. Dessa forma, para se resolver um problema estético, um outro foi gerado. Agora, para resolver esse segundo problema, uma nova situação de conflito aparece, e há a necessidade de um novo “ajustamento penoso”. Em toda “conquista” descrita pela internauta sempre há um elemento negativo: “... mas eu me sentia péssima”, “meus seios já eram flácidos”, “...nunca teria coragem de me despir”, “... mas o problema é que a sensibilidade...”, “não sinto estímulos no bico dos seios”, “no começo foi difícil aceitar”, “paguei um preço pela cirurgia”. Essa instabilidade na vida dessa moça só cessará, segundo a visão da cronista, na madura idade, com a estabilidade de seus desejos.

Além disso, a beleza é efêmera, e a felicidade proposta por Rachel é duradoura, portanto esta não pode estar fundada naquela. Assim, o que se percebe na vida dessa moça, a despeito de ter dito que ganhou a felicidade, são momentos de alegria ou, como afirmou Rachel, apenas “confidências de exaltação”, não de felicidade.

Sobre o espaço em *Capital Federal*, de Arthur Azevedo, e em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, responda:

- a) A cidade do Rio de Janeiro serve de cenário para a trama de *Capital Federal* (1897). Como esse espaço urbano é descrito na obra e como o campo se apresenta como espaço alternativo?
- b) Como o espaço urbano em *Bom-Crioulo* se relaciona à estética naturalista?

QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Literatura. Espaço. Estética Naturalista.

Resposta esperada

a) *Capital Federal*, de Arthur Azevedo, é um texto dramático (comédia opereta) editado em 1897, oito anos após a proclamação da República, quando o Rio de Janeiro deixa de ser a sede do Império e passa a ser a Capital Federal. Nesta obra, o Rio de Janeiro é descrito como um espaço de excesso e de corruptibilidade do espírito humano: jogatina, prostituição, mentira, traição, vaidade, ganância etc. O texto mostra a chegada de uma família caipira, do interior de Minas Gerais. Inicialmente, os membros dessa família são descritos como pessoas íntegras, pudicas, que zelam pelos bons costumes e pela verdade. Ao terem contato com a vida no Rio de Janeiro, alguns membros da família são corrompidos e perdem seus valores iniciais e são “contaminados” pelo ambiente de convivência. O espaço discursivo descrito na obra, Rio de Janeiro, corrompe e degrada o ser humano. Para aqueles que conseguiram não se contaminar pelo meio, a experiência ali vivida é sentida como algo ruim, indesejado, decepcionante. Arthur Azevedo cria um espaço discursivo alternativo ao Rio de Janeiro: o campo, que representa a fuga da realidade cotidiana indesejada, sufocante e sempre presente. Nessa obra, o campo é visto como um lenitivo para as angústias, para as decepções e para as incertezas da vida na grande cidade. Mais do que isso, o campo é visto como o espaço capaz de redimir o caráter humano.

Além disso, considerando o contexto sócio-histórico em que a obra foi escrita, fica evidente a fortíssima crítica feita ao jovem Estado democrático brasileiro, que se consolidava, cuja capital federal era o Rio de Janeiro, mas que estava marcado pela corrupção do espírito e pela degradação do homem.

b) Semelhantemente a Arthur Azevedo em *Capital Federal* (1897), Adolfo Caminha, em *Bom-Crioulo* (1895), também apresenta o Rio de Janeiro como um espaço marcado pelo rompimento de padrões deontológicos: alcoolismo, libidinidade, homossexualidade, prostituição, mentira, traição, assassinato etc. Diferentemente de Azevedo, Caminha não apresenta um espaço discursivo alternativo ao Rio de Janeiro. Não apresenta um espaço possível para a redenção do caráter ou do espírito humano. Limita-se a apresentar uma sociedade degradada, corrompida.

O romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, é um romance naturalista e, como tal, apresenta os problemas sociais como uma consequência natural/biológica e sócio-histórica do meio em que se vive. Não há como escapar a esse determinismo. Com isso, os indivíduos tornam-se reféns do seu contexto sócio-histórico, e os problemas sociais são tratados como algo inevitável e natural.

Eis a justificativa para não se apresentar um espaço alternativo ao Rio de Janeiro, já que não há a possibilidade de fuga da realidade, de redenção do espírito humano. Se a realidade social apresenta-se de forma corrompida, degradada, dela nascerá um indivíduo corrompido e degradado. Nesse aspecto, *Bom-Crioulo* difere, em muito, de *Capital Federal*, embora ambas as obras descrevam o mesmo espaço social, o Rio de Janeiro, praticamente no mesmo período: diferença de apenas dois anos entre as publicações das obras.

Leia o fragmento extraído do romance *O outro pé da sereia*, do escritor moçambicano Mia Couto.

Nesses últimos dias, Mwadia fechava-se no sótão e espreitava a velha documentação colonial. Agora, ela sabia: um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente.

(COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p.238.)

- a) Explique, com base na obra, a metáfora “Um livro é uma canoa”.
- b) Explique, em termos gramaticais e semânticos, por que “Antigamente” está grafado com a inicial maiúscula no texto.

QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Figura de Linguagem: Metáfora; recursos linguísticos e seus efeitos de sentido no texto.

Resposta esperada

a) “Um livro é uma canoa”. O candidato não deve-se prender apenas a sentidos generalizantes da metáfora, tais como “a canoa representa o meio pelo qual se pode ir de um lado a outro, isto é, um meio de transporte; e, neste sentido, um livro é o instrumento por meio do qual uma pessoa ou um grupo pode, a partir de seu próprio espaço, expandir o conhecimento de mundos, descobrir e compreender outros mundos, alargar a imaginação etc. O que se espera do candidato é a compreensão da metáfora no contexto de *O outro pé da sereia*, expressando significados específicos. O ponto a que se quer chegar é a identidade nacional moçambicana, de tão difícil estabelecimento e/ou compreensão, devido a diversos fatores culturais. A tradição oral, representada pela personagem Dona Constança (a mãe), é responsável pela construção parcial desta identidade, a qual deve ser complementada pela leitura das diversas manifestações de “letramento” (“velhos documentos”, “os papéis”, os livros da “biblioteca que Jesustino tinha herdado”, “a velha documentação colonial”). Ao letramento deve-se acrescentar a tradição oral, ou, nas palavras de Mwadia (a filha), a parte “que lhe faltava”. Desta forma, “canoa” é uma metáfora de possibilidades de leitura e/ou letramento a partir das quais o indivíduo vê o seu mundo de uma maneira mais crítica, reflexiva, mais autônoma: “Agora, ela sabia: um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente”. Portanto, em *O outro pé da sereia*, a somar-se à importância da tradição oral no estabelecimento identitário, a leitura de variado material escrito (letramento) funciona estrategicamente como tentativa de encontrar a plenitude da identidade nacional moçambicana e/ou africana.

b) “Antigamente”, fora do contexto do romance, é um advérbio de tempo. No texto, ele se transforma, gramaticalmente, em substantivo próprio, designando o nome da vila (daí estar escrito com a inicial maiúscula): trata-se do nome com o qual os personagens Mwadia e Zero Madzero batizaram a aldeia de Moçambique onde eles moram, um lugar agreste e afastado da civilização.

Espera-se que o candidato demonstre a compreensão das várias possibilidades do sentido conotativo do termo Antigamente. Vejamos apenas algumas delas. No plano estrutural da obra, “Antigamente” sugere o início do período colonial português em Moçambique, e mais especificamente a 1560, funcionando como forma de estruturação da narrativa em capítulos que alternam os elementos de um tempo passado (1560-61) e os elementos do tempo presente da diegese (2002). Antigamente representa um espaço ficcional de escapismo; um espaço de fuga de um tempo marcado pela guerra civil moçambicana. Para o narrador, inclusive, Antigamente é o espaço figurado para se perder “a conta ao tempo”, do “exílio de tudo”, “desistência de todos”. Para Mwadia, personagem mais consciente, Antigamente é o “refúgio para escapar à guerra”, o “exílio que só se encontra quando todos de nós se esquecem”, o lugar onde ela se “esquecia de ter nome, ter rosto, ter idade”. Nas palavras do narrador, “não era, contudo, nome de terra. Era um nome para uma saudade”, quando as “rezas subiam” e as “chuvas desciam”. Em outros termos, Antigamente é o lugar do retorno à ordenação da vida dos personagens, à antiga ordem pré-guerra, quando o mundo parecia obedecer a certas harmonias.

Leia o texto a seguir.

Seja um doador de órgãos. Seja um doador de vidas.

Deixe sua visão para o homem que nunca viu o amanhecer nos braços de sua amada. Deixe seu coração para a mulher que vive para fazer o coração de seu filho feliz. Deixe o exemplo. E, principalmente, deixe sua família saber do seu desejo de ser um doador de órgãos. Quem deixa o seu melhor deixa a vida seguir em frente.

Acesse: www.facebook.com/doacaodeorgaos
e divulgue nas redes sociais: #doeorgaos.

(ISTOÉ n. 2189, p.139, 26 out. 2011.)

O texto faz parte de uma campanha do Governo Federal em favor da doação de órgãos.

- Qual o sentido de “coração” em cada uma das frases em que aparece? Explique.
- De que forma o texto é construído para cumprir com o propósito de convencer o leitor sobre a importância da doação de órgãos? Exemplifique.

QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Compreensão de texto. Elementos pragmáticos, estratégias de produção do texto, polissemia.

Resposta esperada

- Na primeira ocorrência (“Deixe seu coração para a mulher [...]”), “coração” é o órgão (sentido literal); na segunda (“[...] que vive para fazer o coração de seu filho feliz”), “coração” diz respeito a amor, no caso, a dar amor (sentido figurado).
- Desde o título, há um apelo à emoção. As duas primeiras frases do texto continuam com à referência à afetividade: “Deixe sua visão para o homem que nunca viu o amanhecer nos braços de sua amada. Deixe seu coração para a mulher que vive para fazer o coração de seu filho feliz”. Como se trata de tema delicado, uma vez que, em grande parte das situações, envolve a morte de alguém, optou-se por falar em vida. A vida de alguém que se transformará, que ganhará uma nova oportunidade. Fala-se aos sentimentos, busca-se a sensibilização do leitor, doador em potencial. Vele lembrar que há também destaque para a lucidez: “E, principalmente, deixe sua família saber do seu desejo de ser um doador de órgãos”.